

UMA PROVA DE AMOR

Dâmaris Mendes Moura (EESPP)¹

“No dia 27 de novembro de 2014, Alex Fonseca, de 21 anos tentou assaltar uma agência do Banco do Estado. Após permanecer 12 horas com reféns, ele finalmente entregou-se à polícia na presença de um advogado. Durante todo esse tempo, a agência esteve cercada por policiais. Um superintendente de polícia classificou como ‘amadora’ a tentativa de assalto. Uma hora depois, em entrevista, Alex alegou que tentou roubar o banco porque não tinha dinheiro para sustentar-se”.

Alex não era rico, não era de classe média, nem mesmo pobre; como já dizia Madre Tereza “os mais pobres entre os pobres”, era a essa classe que ele pertencia. Sua família morava em um bairro desprezado em Manaus, a Comunidade Parque São Pedro. Sua mãe era empregada doméstica e trabalhava para uma família que a achava sua escrava. Seu pai era um operário de fábrica que mais gastava seu dinheiro no bar do que sustentava a casa. Sua irmã mais velha, Amélia, lutava para ganhar um dinheiro aqui e ali para ajudar a pagar as contas, mas com pouco estudo é sempre difícil conseguir um trabalho. E ainda havia seu pequeno irmão Antônio, um menino doce e carinhoso, mas portador de uma doença muito rara: adrenoleucodistrofia ou ADL, que o leva a cada dia perder um pouco de si mesmo; seja perdendo a memória, visão, audição, fala ou até mesmo seus movimentos; Antônio sempre esquece uma parte de si, levando Alex ao desespero sempre que sentia que um pedaço de seu irmão se ia.

Vindo de uma escola de seu bairro pobre, Escola Municipal Princesa Leopoldina, Alex cursou apenas até o 8º ano, quando foi obrigado a parar de estudar e começar a trabalhar para ajudar no sustento da família, mas foi lá que conheceu seu melhor amigo, sempre brincalhão, Marcos, e sua namorada, extraordinariamente otimista com o futuro, Diana. As duas pessoas que sempre o apoiaram e acreditaram que iria além daquela perspectiva de vida de pobreza, e um dia realizaria seu sonho de ser médico. Além de lá poder conhecer a melhor professora de todos os tempos, Senhorita Justine, que lhe ensinou tudo sobre a dureza e leveza coexistentes na vida e como situações ruins podem ser transformadas em incríveis experiências boas com a

¹ Participante da Oficina Literária Produção de Contos, sob a orientação do professor José Benedito dos Santos, no primeiro bimestre de 2017, na Escola Estadual Senador Petrônio Portella (EESPP/SEDUC/AM).

sua imaginação. Quando ela foi dar aula em outra escola bem longe dali e eles perderam contato, Alex se sentiu na obrigação de perseguir seus sonhos e realizá-los, tudo para orgulhar aquela que o fez um dia acreditar em si mesmo.

Já havia um tempo que Alex estava em um emprego fixo, por assim dizer. Ele era um “faz tudo” numa casa em um bairro nobre, entrando e saindo do trabalho, consertando, arrumando, organizando, fazia o que tinha que ser feito para ter seu salário no fim do mês. Seu patrão, Sargento Mitchell, era um senhor de meia-idade, empresário americano que se mudou para Manaus para cuidar de uma filial, homem bom, íntegro, que foi policial a vida toda, mas agora se dedicava apenas ao empresariado e exercia sua profissão como ninguém; Alex realmente não sabia como era possível uma pessoa que já havia visto tantas coisas ruins continuar tão fiel a si mesma.

Mas infelizmente o tédio da vida repetitiva e sofrida dele seria interrompido por um acontecimento que a mudaria para sempre. Além dos empregos temporários de Amélia se tornarem cada vez mais raros, diminuindo consideravelmente a renda da família, chegando ao ponto de não terem como se sustentar ou apenas terem dinheiro para o feijão com arroz daquele dia, seu alegre e amável irmão teve o ataque mais forte da doença até agora, que o deixou sem fala e movimentos por dias, e somente Alex sabia como resolver o problema. Havia um remédio, um óleo, que se incorporado a dieta e passado no corpo do menino, prometia, ainda que não a cura, retardar os efeitos da doença e reverter os que já tinham se manifestado, restaurando o pequeno Antônio a seu verdadeiro eu. Mas como? O remédio ainda estava em fase de testes, custando uma fortuna por um frasco que apenas duraria um mês, e mesmo tentando desde que o menino nasceu, a família não conseguira sequer seu benefício do governo, que não pagaria nem metade do remédio, então como conseguiriam tanto dinheiro?

Alex não queria saber. Não precisava. A única coisa que ele sabia era que estava determinado a salvar seu irmãozinho, aquele que carregara no colo, aquele cujo primeiro riso o fez sorrir e cujas primeiras palavras e passinhos, já atrasado diante de outras crianças, o fizeram chorar. Aquele que agora gerava lágrimas em sua mãe e irmã à medida que os ataques se tornavam mais frequentes. Ele apenas não podia aguentar o sofrimento de todos a quem amava.

Mais um dia no trabalho e, enquanto procurava por documentos no quarto de seu patrão, ele viu uma arma. Não que ele não houvesse visto antes, mas agora era diferente. Havia dias estava pensando na única maneira de conseguir dinheiro antes que o pior acontecesse a Antônio, um assalto ao Banco do Estado, arriscado, porém era o único jeito. Ele a pegou. Escondeu debaixo da blusa e saiu com os documentos. Sentia culpa, Sargento Mitchell sempre foi tão bom, generoso e amigo para com ele, como o pai que Alex sempre sentiu falta, e, além do mais,

ele odiava mentir, principalmente se tratando de uma pessoa tão especial. Mas ele não tinha escolha.

Quando chegou em casa naquele dia, começou a planejar o assalto, seria no outro dia, não podia adiar mais, não podia deixar com que seu medo e culpa matassem seu irmão. Mas ele não tinha ideia do que fazer, então apenas resolveu ir ao banco às 10 horas da manhã, quando o movimento está mais calmo, render os funcionários e levar o dinheiro do cofre. Jurou a si mesmo que não faria mal a ninguém que estivesse no banco; no fundo sabia que a probabilidade de não dar certo era existente, mas se consolava imaginando que poderia pelo menos chamar atenção para a doença de Antônio.

E foi assim que aconteceu, no dia 27 de novembro de 2014, Alex estava olhando para a fachada do Banco pensando se realmente valeria à pena, e concluiu que a vida de seu irmão valia mais do que tudo que poderia acontecer à vida dele. Entrou, observou o movimento, chegou bem perto da atendente enquanto parecia que o mundo se tornava cada vez mais distante, o burburinho do banco desaparecia lentamente e então sacou a arma: “Todo mundo para o chão, eu quero todo o dinheiro do cofre ou ninguém sai daqui hoje! ”. A essa frase se seguiu pavor e desespero, mas todos obedeceram. Houve uma breve tentativa dos funcionários de explicar, em meio a choros, gritos e vozes trêmulas, que seria impossível abrir o cofre porque há uma chave de acesso secreta, contudo, ele não acreditou. Não se sabe como, talvez enquanto se distraía com as explicações, mas a polícia foi acionada e, em menos de 15 minutos do assalto anunciado, ele já estava cercado.

Agora apenas lhe restava o plano B, ficar ali o máximo de tempo que conseguisse, até que concedessem suas exigências ou algo do tipo que ele havia visto na TV, da última vez em que houve um assalto a um banco da cidade.

Mas, ao olhar para o lado, enquanto pensava nisso, eis que, encolhida no canto do saguão estava ela, abraçada a um garoto que aparentava ter 5 anos, Senhorita Justine, a mulher que o ensinou sobre a vida, a que o inspirava, a que o amava. E ela o viu, quando o medo em seu olhar se tornou em decepção, ele sabia que ela o tinha visto, sabia que o tinha reconhecido. Milhões de pensamentos invadiram sua mente, o que ela pensaria dele? Do que valeria todo esforço de uma professora em acreditar em um pobre menino cheio de decepções? Pensaria ela que ele havia esquecido todos seus ensinamentos e estaria fazendo isso por pura maldade e por querer dinheiro fácil?

Mas não podia se prender a esses pensamentos, foi interrompido por uma voz forte e áspera que parecia vir de um megafone do lado de fora do banco e dizia: “Hora de sair daí rapaz, você não vai conseguir o que quer hoje!”. A voz parecia determinada, mas Alex também estava,

se sua única alternativa era manter aquelas pessoas ali pela maior quantidade de tempo possível, mesmo sem a intenção de machucá-las, era isso que faria.

Passaram-se quase seis horas e a única coisa que Alex havia feito era mostrar, com pesar, sua arma na cabeça de um dos reféns, quando a polícia ameaçava entrar no banco. Eles ainda não tinham começado as negociações porque mesmo com a polícia insistindo para que saísse do banco, se identificasse, se rendesse ou, pelo menos, exigisse algo para que liberasse as pessoas, ele ainda não havia falado nem sequer uma palavra ou mostrado seu rosto. Enquanto os prantos e o desespero iam e vinham nas pessoas presas no banco a cada vez que ele levava um dos reféns com a arma em sua cabeça, o pavor dentro dele nunca se foi e a culpa e vergonha cresciam a cada momento. Às vezes, se recostava na parede, sempre com a arma empunhada, e deixava que sua mente o levasse muito além de tudo aquilo que ainda não acreditava estar fazendo, mas logo era trazido de volta a realidade pelo megafone soando do lado de fora, com palavras que ele nem mesmo fazia questão de entender.

Finalmente deixou seu medo de lado, pensou em seu irmão e criou forças para se identificar e começar suas exigências e, a essa hora, toda imprensa local e até nacional já estava no lugar para reportar o assalto com seu autor misterioso. Saiu, novamente com um dos reféns, se identificou como Alex Fonseca, e, ao ser interrogado sobre o que desejaria para que soltasse as pessoas, disse que queria apenas que o governo liberasse o benefício de seu irmão, Antônio Fonseca, que tinha direito por ser portador de ADL, que dessem um emprego digno a sua mãe e irmã, que o remédio do caçula fosse dado de graça enquanto o menino vivesse e um advogado para sua defesa.

Os policiais estranharam esse pedido um tanto incomum, já que o que esperavam ouvir era algo como dinheiro, mídia nacional e um carro ou helicóptero para a fuga. Mas pediram um tempo para ver o que podiam fazer e Alex entrou novamente. Olhou para Senhorita Justine e agora percebeu um elegante homem sentado a seu lado, a reconfortando. “São uma bela família”, pensou ele, afinal ela havia realizado seu sonho.

Ao sentar-se no mesmo lugar onde havia estado anteriormente, sentiu que se passaram horas, notou alguém sentando ao seu lado depois de um tempo e, ao virar-se, viu os belos olhos cor de mel que embalaram seus sonhos por tanto tempo. Senhorita Justine estava ali, e agora não mais com aquele olhar desapontado, mas com um de quem sabia que havia feito um bom trabalho. “Ouvi o que disse lá fora”, exclamou ela, “muito nobre de sua parte fazer tudo isso por sua família e por seu irmão, ele é mesmo um garoto de sorte”. “Não vejo nada de nobre nessa ação desesperada, errada e humilhante”, rebateu ele. “Sabe Alex, às vezes, a nobreza não está nos grandes vestidos e sim nas damas por trás deles, e o mais belo e intrigante é que até a

mais pobre camponesa pode ter essa nobreza”. Ela pode nunca ter tido noção, mas aquela frase, aquele enigma como os que ela sempre usava para ensiná-lo, mudou tudo.

Mas a conversa não pôde continuar, foram interrompidos pela voz do megafone que parecia querer chamar atenção. “Já conseguimos com que o governo liberasse o benefício do seu irmão, encontramos um advogado, e, ao consultarmos o banco de dados do governo, vimos que sua mãe é empregada doméstica e conseguimos para ela um emprego como governanta de um dos grandes hotéis da cidade e sua irmã será uma de suas camareiras, porém sinto lhe dizer que é impossível conseguir o remédio para o menino, nenhum empresário se dispõe a pagar tamanha quantia pelo irmão de um assaltante”. O alívio que surgiu com as primeiras frases logo desapareceu, ele havia feito tudo isso por esse remédio, por esse maldito óleo para seu irmão e agora deveria apenas aceitar que seria impossível consegui-lo e esperar a morte de Antônio? Não, ele não cederia, alguém pagaria, alguém se sensibilizaria. Levantou atordoado, olhou no relógio do banco, desde o momento do assalto já se passaram dez horas, correu para a porta com um refém: “Todas as exigências devem ser cumpridas ou ninguém sai!”, gritou com ferocidade, até ficou surpreso ao perceber um tom de voz que nunca tinha usado na vida.

Mais duas horas se passaram até o megafone soar novamente, mas dessa vez era diferente, dessa vez a voz era suave, conhecida, calmante. “Alex? Eu sei que você pode me ouvir. Sou eu, Sargento Mitchell, e eu só queria dizer que eu ainda acredito em você, eu ainda sei quem você é, e é por isso que eu vou bancar todo o tratamento do seu irmão, porque eu ainda conheço aquele garoto, aquele homem, que faz de tudo para ver os que estão ao seu redor felizes, e foi assim que você conquistou todas essas pessoas que estão aqui agora, venha e veja você mesmo”. Ao sair, Alex não conseguiu conter suas lágrimas, se deparou com sua mãe, com Amélia, Antônio, Marcos, Diana e até mesmo seu pai, sorrindo calorosamente, orgulhosos. Sentiu braços o envolvendo, era Senhorita Justine, vinda de dentro do banco, sem nenhum resquício de medo.

À medida que o advogado caminhava até ele, soltou a arma e o refém que usava para sair do banco correu, a polícia adentrou o local e todos os reféns saíram. Ele foi arrancado bruscamente do abraço e algemado, mas agora já não importava, porque ele conseguiu o que queria e, principalmente, descobriu que era verdadeiramente amado.

Após cinco anos de cadeia, Alex é solto e finalmente realiza seu sonho de voltar a estudar, fazer uma faculdade e se tornar o mais perto que chegou de um médico, um enfermeiro. Depois que sua família está estabilizada e seu pai recuperado do vício, ele se casa com Diana, e tem um bom emprego e uma linda casa. Sua querida Senhorita Justine o visitava toda semana e o

ajudou a continuar a vida depois da prisão. E seu sorridente irmão, podendo ter uma vida normal, nunca vai esquecer essa prova de amor.